

Oração: a ascensão do intelecto para Deus!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



Oração

1. Virada do milênio: Há quase uma década, talvez por algum temor ou mesmo em razão da má intenção dos aproveitadores por causa da virada do milênio - muitos falaram sobre a oração em diversos sentidos: alguns de maneira apropriada e outros nem tanto. Destes que a descreveram inadequadamente duas foram as notas que nos chamaram a atenção: uma, a de estabelecer a natureza ou o vínculo da oração ao sentimento, à paixão e outra, a de enfatizar ou restringir o ato de oração ao canto e aos gestos, ou às palavras proferidas em alta voz ou mesmo em palavras carentes de sentido. Veremos que a oração é um ato livre de amor [vontade] que manifesta um desejo de entendimento [intelecto] do que Deus deseja de nós e para nós. E que, como ato mais íntimo de nossa natureza que se verte para Deus, exige mais concentração e silêncio que dispersão e barulho. Os gestos e os cantos, na devida proporção, são salutares, mas seria um equívoco entender que a oração necessariamente os exigisse. Nem mesmo é necessário falar ou proferir muitas palavras, ainda mais se estas forem sem sentido, pois a oração supõe uma comunicação de espírito a espírito. Em última instância, para melhor exercer a vontade de Deus em nós, nada mais importante que a querer e a entender. Mas isso não é possível senão mediante a oração que manifesta este querer entender viver e cumprir a vontade de Deus. Por meio da oração nosso intelecto ascende para a intimidade de Deus e dela participa.

2. Definição: Mas o que é oração? Por oração entende-se o ato da razão prática, pelo qual se diz pedindo, agradecendo algo, convenientemente a Deus [STh.II-II,q83,a1,c]. Por isso, a oração é a ascensão do intelecto para Deus [STh.II-II,q83,a1,ad2]. É, pois, conveniente orar, porque as coisas humanas são dirigidas pela providência divina, não que a oração provoque mudanças na disposição da providência divina ou que tudo que ela rija seja imutável ou necessário a tal ponto de ser dispensável a oração. A oração é útil não porque muda a providência divina ou inútil porque todas as coisas humanas aconteceriam por necessidade. Não se ora para mudar o que foi disposto pela providência divina, mas para que se faça o que Deus dispôs para ser realizado devido à oração dos santos [STh.II-II,q83a2,c]. Por isso, ao orar, o homem merece receber o que Deus onipotente determinou conceder-lhe desde a eternidade [STh.II-II,q83,a2,c]. Ora, se pela oração o homem presta reverência a Deus, segue-se que a oração é ato da virtude da religião, pois por

tal virtude busca-se reverenciar a Deus e honrá-Lo [STh.II-II,q83,a3,c]. Orando, o homem entrega a sua alma a Deus, submetendo-a por reverência a Ele [STh.II-II,q83,a3,ad3]. Orar é pedir. Mas orar pode ser pedir diretamente a quem pode conceder o pedido e neste caso a oração é direta só a Deus ou a alguém que pode interceder pelo pedido, neste caso a algum santo, não que Deus conheça o pedido mediante a intercessão do santo, mas para que devido à sua intercessão e mérito, a oração seja eficaz [STh.II-II,q83,a4,c]. Se orar é agradecer ou pedir algo a Deus, ninguém agradece o que não conhece e ninguém pede o que não sabe, portanto na oração deve-se agradecer ou pedir a Deus algo determinado [STh.II-II,q83a5,c], coisas convenientes à salvação [STh.II-II,q83,a5,ad2] e mesmo as coisas que sejam bens temporais, se estes forem lícitos e necessários para a manutenção e santificação da vida do homem [STh.II-II,q83,a6,c].

3. Por quem orar? A oração pelos demais homens é conveniente e salutar para a salvação, posto que assim como é lícito pedir bens para si mesmo, também, o é para os demais. Orar para si, obriga a necessidade, mas orar para os outros, exorta-nos a caridade e é mais agradável a Deus a oração movida pela caridade fraterna que a por necessidade [STh.II-II,q83,a7,c]. E na oração pelos demais, inclui-se a oração pelos inimigos, esta que se dirige ao próximo pelo amor à pessoa e não à culpa [STh.II-II,q83,a8,c] e não está excluído da oração pelo inimigo pecador a licitude do pedido por males temporais, para que se corrija [STh.II-II,q83,a8,ad3]. Na oração do *Pai Nosso*, ou seja, na oração dominical, estão convenientemente consignados os pedidos que traduzem os nossos desejos junto a Deus [STh.II-II,83,a9,c]. A oração deve brotar do mais profundo do coração, do interior da alma racional direcionada para Deus, já que orar é próprio da criatura racional que se liga a Deus, pois, como já se disse, se devotar é ato da vontade, orar é ato da razão, pelo qual alguém pede ao superior alguma coisa [STh.II-II,q83,a10,c]. Mesmo as almas santas separadas dos corpos, os santos que estão no céu, oram por nós, pois, se quando estavam unidos aos corpos podiam orar por nós, quando ainda deveriam preocupar-se por eles mesmos, quanto mais poderão após coroados, vitoriosos e triunfantes [STh.II-II,q83,a11,c].

4. Como orar? Como que brotando do mais íntimo do intelecto, a oração individual não precisa vocalizar-se, mas a oração coletiva deve vocalizar-se por palavras, para expressar em viva voz coletiva o clamor ao Senhor. Não obstante, mesmo à oração individual pode-se acrescentar a palavra, seja para excitar a devoção interior, seja para a satisfação de uma dívida, mediante tudo o que recebeu de Deus, incluindo a palavra, seja por certa redundância da alma no corpo, causada por uma grande afeição e cumplicidade entre a alegria

interior do coração e a exultação exterior pela língua [STh.II-II,q83,a12,c]. A cumplicidade entre a intenção e a ação na oração ajuda a manter a atenção devida na oração, sobretudo na oração vocal. Contudo, pode ocorrer que a oração não seja atenta, mas válida, já que para que uma oração seja válida não é necessário que ela seja continuamente atenta, pois o que conta é o impulso da intenção inicial, com a qual se vai orar e que torna meritória toda a oração [STh.II-II,q83,a13,c]. Mas o ideal é que a oração seja contínua e atenta [STh.II-II,q83,a14,c]: contínua, enquanto não seja interrompida por distração ou por qualquer outra coisa e, para tal, não necessita para ser contínua, conter muitas palavras, ser comprida por ter muitas palavras, mas ser comprida e ser contínua no ardor de uma oração com poucas palavras, muitas súplicas e gemidos [STh.II-II,q83,a14,c] e atenta de três modos - atenta às palavras, atenta ao significados das mesmas e ao fim, que é Deus [STh.II-II,q83,a13,c]. Não há oração infrutífera se ela nasce da reta intenção de voltar-se para Deus. Há sempre uma recompensa para quem ora com o coração reto. Por isso, neste caso, a oração é meritória. Será considerada infrutífera se proferida sem o coração reto e sem a prática da caridade, como quando alguém na oração do *Pai Nosso* profere haver perdoado os pecados de outrem, mas de fato não os perdoou [STh.II-II,q83,a16,ad3]. A oração gera, além do conforto espiritual, o mérito futuro de gozar o bem eterno que se merece gozar, porque Deus o prometeu, o que Ele mesmo nunca aconselharia pedir, se não quisesse dar [STh.II-II,q83,a15,c]. Nem mesmo a oração dos pecadores é infrutífera ou não atendida por Deus, porque o que Deus ama é a natureza humana do pecador e não o seu pecado, que é a que ora a Deus e Ele a atende não por justiça, já que não é meritória a oração do pecador, mas a atende por misericórdia [STh.II-II,q83,a16,c]. A oração é o alimento do espírito e a elevação da mente para Deus. O primeiro requisito para esta elevação é a *prostração* ou pôr-se na presença de Deus, o segundo é a *postulação*, ou postular o pedido, que pode ser por súplica, quando se pede ser ajudado por Deus, ou por insinuação, quando somente se narre um feito, o terceiro é a *obsecração*, ou um pedido feito em vista de coisas sagradas, pedindo graças ou dando ação de graças [STh.II-II,q83,a17,c].